

FORMAÇÃO DOCENTE, CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E PRÁTICAS CURRICULARES A PARTIR DA ANÁLISE DO FILME *CARREGADORAS DE SONHOS*

Rafaela Rodrigues da Conceição¹
rodrigues_ufrj@yahoo.com.br

Luciana Hallac Paulo²
luciana_hallak@yahoo.com.br

Resumo: O presente texto objetiva realizar uma análise, a partir do filme *Carregadoras de Sonhos* (2010), para “compreender” as identidades das quatro professoras apresentadas no referido longa-metragem, bem como suas representações, aspirações e concepções sobre as práticas curriculares no cotidiano escolar. Vale destacar o caráter educacional dos filmes quando utilizados como referência para o entendimento das práticas pedagógicas contemporâneas. Visto a amplitude do tema, objetivamos levantar questões que nos ajudam a refletir sobre a identidade do professor, principalmente no que tange ao fazer de algumas das ações vivenciadas por eles (professores) e tentar entender o que move a sua prática.

Palavras-chave: Currículo. Formação identitária docente. Cotidiano escolar. Práticas educativas.

Abstract: This paper aims to perform an analysis from the film *Carregadoras de Sonhos* (2010) to "understand" the identities of four teachers presented in that film, as well as their representations, aspirations and views on the practices in daily school curriculum. Since the amplitude of the theme, we aim to raise questions that help us reflect on the identity of the teacher, especially with regard to some of the actions they experienced them (teachers) and try to understand what drives your practice.

Keywords: Curriculum. Teacher identity formation. School life. Educational practices.

INTRODUÇÃO

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos (FREIRE, 1996).

Este trabalho é fruto de duas pesquisas em andamento do Programa de Pós-Graduação em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRJ). Reúne duas linhas de pesquisas, a primeira, relacionada a cinema e educação, vinculada ao *Grupo de Pesquisa Estudos Culturais em Educação e Arte* (UFRJ/UERJ), e a segunda, à formação de professores, vinculada ao *Grupo de Pesquisas Identidade Docente*, das quais as temáticas se voltam para compreender tanto a formação e constituição da identidade do professor,

isto é, como as identidades docentes se constituem diante de sua formação, de suas práticas e vivências nas escolas, como também na utilização de filmes nas práticas pedagógicas e nos cotidianos escolares, ou seja, uma pesquisa ligada às narrativas audiovisuais, que percebe o processo de utilização dos filmes como um movimento válido para a apropriação não só de conteúdos, mas também como um instrumento que tem a capacidade de ensinar, explorar e aprofundar questões sociais, políticas, culturais, étnicas, econômicas e outras. Assim, é necessário compreender que as pesquisas em andamento partem de uma concepção e do método de pesquisa com os *cotidianos*, cotidiano este fonte constante de desafios que mergulham no universo da escola, dos seus afazeres e de suas experiências. Pretendemos, nesse artigo, principalmente, chegar cada vez mais perto dos nossos objetos de estudos: filmes e identidades, temas que perpassam pela ideia de Oliveira (2008, p. 51), em qual a autora diz:

[...] pensar os cotidianos e erguê-los à condição de *espaçotempos* privilegiados de produção da existência e dos conhecimentos, crenças e valores que a ela dão sentido e direção, considerando-o de modo complexo e composto de elementos sempre e necessariamente articulados, implica em não poder dissociar as metodologias em si das situações estudadas por seu intermédio.

Ou seja, um estudo que busca captar, e ao mesmo tempo, aproximar-se das narrativas, gestos, olhares e contextos de uma determinada vivência, que, além de expor as falas, problematiza-as dentro das realidades sociais contemporâneas.

1 CARREGADORAS DE SONHOS, PERCEBENDO O FILME

As imagens, portanto, parece dominar o mundo, ou mais: o mundo, às vezes, parece só existir através delas, que cineticamente sugerem, mesmo, vários mundos que coabitam e se mostram dentro dessa complexidade de discursos simultâneos (VICTORIO FILHO, 2001, p. 52).

O documentário *Carregadoras de Sonhos* nasceu em 2008 a partir do XII Congresso Estadual dos Trabalhadores em Educação, organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica da Rede Oficial do Estado de Sergipe (Sintese). O projeto visa mostrar narrativas de quatro professoras da educação pública de Sergipe, evidenciando, retratando, falando, revelando suas vidas profissionais, ou seja, seus cotidianos, condições de trabalho, dificuldades e lutas dentro do contexto escolar.

Com direção do cineasta baiano Deivison Fiuza, e produção da WG Produções, uma grande produtora de vídeo do Norte-Nordeste, que inclusive é sergipana, o elenco contou apenas com nove técnicos, assim esses puderam percorrer, durante quinze dias, o interior sergipano a fim de mostrar as

narrativas e realidades de quatro professoras do magistério, respectivamente, Edielma, Maraisa, Marta e Rose. Como a ideia do sindicato é divulgar a produção cinematográfica pelo mundo, com certeza será objeto de muitas avaliações e servirá de instrumentos de luta para os trabalhadores em educação em vários países.

O filme possibilita tratar a realidade social precária e difícil, não só dos alunos que utilizam as escolas públicas, mas principalmente dos docentes que delas se utilizam para exercer suas funções e por consequência dos problemas resultantes dessa situação. Retrata também a necessidade de repensar tanto as políticas públicas ligadas aos financiamentos para educação nacional, como em uma educação inclusiva que respeite a diversidade. O filme mostra que estes fatores somente serão possíveis por meio de uma política agressiva de formação continuada, salários dignos, dedicação exclusiva dos professores a uma única escola e condições dignas de trabalho.

Partindo desta concepção, tomamos a utilização do filme como objeto embalador deste trabalho, por poder ser caracterizado como revelador, isto é, apresenta uma realidade da educação brasileira, e também desafiador, pois nos faz questionar sobre as políticas de educação, e conseqüentemente, como esta política afeta diretamente a vida e a identidade profissional dessas professoras, e, por fim, como podemos ter e fazer leituras “críticas” a partir de uma narrativa cinematográfica.

Nesse sentido, é de suma importância objetivar que as narrativas contidas no filme nos permitam “compreender” as significações, representações, aspirações e concepções que as professoras realizam diante das práticas curriculares no cotidiano escolar. Vale ressaltar que as narrativas provocam várias reflexões e identificações sobre a imagem e seus diferentes sentidos. Ou seja, elas são

[...] manifestações orais, escritas, sonoras e visuais que se organizam a partir de uma sucessão de episódios ou ocorrências de interesse humano que integram uma mesma ação. Uma sequência de ideias articuladas através de palavras faladas ou escritas, e/ou através de sons e imagens e condição para que uma manifestação seja reconhecida como narrativa. Sequência e organização são elementos que dão algum tipo de unidade a ideias, falas, frases, sons e imagens que se complementam como narrativa (MARTINS, 2009, p. 33).

Desta forma, o filme inicia suas imagens, com as professoras acordando, tomando sua primeira refeição, o café da manhã, deixando suas casas e pegando suas conduções para irem trabalhar. É neste momento que começamos a entender o que o filme traz de revelador. Todo este movimento de saída de casa e chegada às escolas passa por um trajeto difícil, por situações complicadas e

complexas, precisando “pegar” ônibus, motos, pau-de-arara³ e caminhar em ruas de chão para chegarem às escolas, localizadas no interior e que, por vezes, são muito distantes uma das outras e da cidade. Por este motivo, algumas professoras ficam em moradias emprestadas perto da escola ou moram com outras professoras, para poderem trabalhar. O filme, além de abordar estes fatores, também ressalta a falta de estrutura das escolas, ou seja, casas domésticas são utilizadas para este fim por falta de espaço apropriado. Enfim, uma série de situações não favoráveis para uma educação de qualidade, tão defendida pelos órgãos públicos responsáveis pela educação no país.

Dentro da proposta, o filme utiliza depoimentos das professoras, quando todas, em momentos diferentes, sentam em frente às câmeras e relatam algo marcante em sua trajetória. Relatos que demonstram claramente a falta de recursos, não só material, mas principalmente de recursos humanos, isto é, outros profissionais, nas áreas de saúde, como médicos, psicólogos, e na área social, como os assistentes sociais, que poderiam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem das crianças e no desenvolvimento “completo” delas.

Nesses relatos, algo marca a fala das quatro professoras, todas mencionam a palavra *missão*, na perspectiva de cumprimento de sua prática profissional. Todas atribuem ao fazer do professor, uma ideia missionária, uma característica forte na identidade das professoras que faz com que elas enfrentem tantas adversidades e continuem nesta profissão tão desvalorizada e mal remunerada. Apesar de terem esta profissão como uma *missão*, não deixam de ser críticas, pois quando pedem que analisem suas respectivas situações vividas, elas questionam suas limitações, reconhecendo que, em alguns momentos, “erram”, contudo entendem que os desafios propostos pela educação não dependem apenas de professores.

O filme também se apresenta como revelador, pois mostra, retrata e trata, de forma muito clara e simples, este ir e vir, e como estes trajetos casa-escola/escola-casa estão inseridos no ritual de ser professora. O interessante é que *ser professora* passa pela perspectiva de uma missão, o que podemos observar em suas falas. Este dogma, esta missão, retratados por todas elas quando falam do seu cotidiano, dos problemas encontrados no dia a dia de ser professora, dos problemas externos e da falta de estrutura, moldam as identidades destas educadoras, ficando nítido que ser professora, é missão delas, pela qual são responsáveis, o que permite que seus alunos, pelos menos por meio delas, possam sonhar. Não é de forma arrogante ou pretensiosa que elas servem com capacidade de transformar sonhos em realidade, mas numa visão crítica, pois mesmo na situação de descrédito em que se encontram e a falta de perspectivas, sabem que com o seu trabalho podem contribuir para a

realização dos sonhos de seus alunos. Como ilustração, retiramos algumas falas apresentadas no documentário.

Hoje eu trabalho na escola pública, mas já fui professora de escola particular. Na escola pública eu tenho certa liberdade para ser professora, mas não tenho infraestrutura, já na escola particular eu tinha muita infraestrutura, mas não tinha liberdade. E foi na escola pública que a minha autonomia se transformou em missão: superar a total falta de estrutura para ser professora (Professora Edielma dos Santos).

Minha missão é educar crianças que estudam em escolas muito pobres, o desafio é conseguir fazer isso. Uma coisa eu garanto: não é fácil (Professora Marta Passos).

Meu maior prazer é ensinar, mas para isso eu preciso enfrentar uma longa jornada até a sala de aula (Professora Maraisa Santos).

Sabe, mãe, eu queria que aquelas crianças fossem vistas como crianças e não como adultos. Sabe qual é o meu maior sonho? É de ver alguma daquelas crianças na faculdade (Professora Rose Nunes).

Diante das inúmeras problemáticas pesquisadas atualmente sobre o contexto escolar, as narrativas e visualidades dos profissionais presentes nesse cotidiano tornam-se essenciais para compreender a realidade educacional contemporânea. Suas falas nos permitem conhecer como procedem as vivências para se ensinar, em um contexto tão desafiador, assim como perceber as significações que essas experiências possuem diante dos movimentos identitários que realizam. Nessa direção, os estudos da formação identitária do docente e do cotidiano escolar contribuem sobremaneira, para o entendimento das inúmeras questões que envolvem a construção identitária desse profissional. Assim, vale resgatar as ideias de autores como Hall (2006), por abordar que o surgimento das sociedades modernas ocasionou transformações de caráter estrutural e institucional nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, revelando um declínio nas composições que eram, até então, estabelecidas e fixadas. Em outras palavras, as identidades fragmentaram-se e/ou deslocaram-se em vista da descentralização pós-modernista. Os movimentos das identidades se dilatam e se abrem para novos ritmos, acompanhando o acelerado desenvolvimento das metrópoles. Nesse momento, o composto não trata apenas de uma única identidade, mas de várias identidades, denominadas provisórias, variáveis e relativas ao significado cultural e social atribuído – sistemas de significação. Ou seja,

[...] as identidades não são mais unitárias, igualitárias, compactas, ligadas a um sistema produtivo de tipo industrial, a um sistema reprodutivo de tipo familiar, a um sistema sexual de tipo monossexista, a um sistema racial de tipo purista, a um sistema geracional de tipo biologista. [...] Não existe mais uma categoria geral que possa englobar nela uma particular, ao longo de segmentos homogêneos (o caráter nacional) (CANEVACCI, 2005, p. 18-19).

Assim como Hall (2006), Canevacci expõe uma perspectiva que abandona a ideia de identidade no singular. Para ele as identidades são móveis, deslocáveis, instáveis, ou seja, movimentam de acordo com os contextos da sociedade e/ou de seus grupos.

2 O CARÁTER METODOLÓGICO DOS FILMES

Os filmes configuram um instrumento eficiente para viabilizar uma discussão complexa, sutil e fundamental sobre as agruras e os destinos de heróis e personagens principais das narrativas e, conseqüentemente, para a construção da cidadania e da personalidade moral (SILVA, 2007).

Visto que o instrumento propagador das questões abordadas foi a mídia DVD, ou seja, um filme, vale destacar não só o caráter educacional dos filmes quando utilizados como referência para o entendimento das práticas pedagógicas contemporâneas, mas como este oferece inúmeras possibilidades que, por meio de representações imagéticas, influenciam pensamentos e atitudes, e até mesmo possíveis (des)construções sobre o papel da política na sociedade, provocando reflexão, questionamentos, ponderações sobre as problemáticas atuais. Pensamos assim, como Alves e Oliveira (2004, p. 31) quando dizem que “[...] as imagens incluem inúmeras possibilidades de narrar e compreender as escolas e seus cotidianos”. Nesse sentido, diversas questões podem ser levantadas e reveladas a partir de narrativas e imagens fílmicas, sendo leituras e olhares sobre uma realidade que está sendo mostrada e que pode ser problematizada.

Duarte (2009), umas das autoras que pesquisam Cinema e Educação, ajuda-nos a refletir sobre o papel crucial dos filmes como conhecimento e, sobretudo, como um objeto de pesquisa. A autora explicita que os “filmes são uma fonte muito rica de pesquisa sobre temas e problemas que interessam aos pesquisadores da área de educação”, e que analisar filmes é ver “sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informação”.

Silva (2007) ressalta acerca dos estudos sobre cinema/filme e sua relação com a prática educativa, fala que o cinema além de causar efeitos de vibração, atração, imaginação, emoção e fascínio, ele é, sobretudo, conhecimento. Nesse contexto, o dinamismo que envolve formação docente e cinema/filme permite a compreensão dos pensamentos e expressões que compuseram o cotidiano de cada realidade, ampliando sua cultura e decodificando seus contextos e sistemas.

Os filmes são constantes imagens em movimento, sendo essas imagens composto essencial que marca a sociedade contemporânea, isto é, uma sociedade situada através das visualidades. É fato, que a “[...] velocidade e o volume de imagens que nos invadem e interpelam diariamente constituem uma espécie de avalanche que nos encharca e nos consome sem que tenhamos tempo para refletir, analisar ou exercer algum tipo de avaliação crítica sobre elas” (MARTINS, 2009, p.34).

Deste modo, “[...] as visualidades ganham sentido como representações que transitam e emergem de repertórios visuais criando associações, acionando referências e evocando contextos”, ou seja, são “[...] construções culturais que operam como imã, como pontos de referência para onde convergem diferentes olhares que se encontram” (MARTINS, 2009, p. 35).

Nesta perspectiva, Victorio Filho e Berino (2007, p. 4) ressaltam que a “[...] relação com a imagem via o estudo das suas forças, ou seja, de suas potencialidades narrativas, convida a ir além da sua mera constituição visual, aproveitando esta, com o devido cuidado, como plataforma indiciária de partida”. “Então, quando falamos de visualidades, nos referimos a um processo de sedução, rejeição e cooptação que se desenvolve a partir de imagens. Esse processo tem sua origem na experiência visual” (MARTINS, 2009, p. 34).

Essa hegemonia do visual encontra-se, notoriamente, nos meios de comunicação até por propagarem e evidenciarem mídias visuais e audiovisuais. Nesse sentido,

[...] a tecnologia digital contribuiu de maneira significativa não apenas para ampliar a produção de imagens, mas, principalmente, para transportá-las em tempo real por meio de câmeras de celulares, câmeras fotográficas, computadores, criando *links* e tornando-as públicas na *internet* em *sites* como o Youtube, em portais, *blogs*, Orkuts, etc. (MARTINS, 2009, p. 34).

Essa relação com o visual garante a circulação das mídias de massa que, por sua vez, produzem e reproduzem constantemente ideologias, conceitos e concepções. Mesmo porque,

[...] a vida vai se dando, em meio a criações imagéticas que se desdobram, transportam e cumprem seus percursos sobre, entre e a despeito das escalas reguladoras que pretendem oficializar o que deve ser visível, quando e onde pode acontecer sua visibilidade. E nesse fluxo penetram e perpassam todos os espaços, sejam os mais e os menos destacados na escala hegemônica de valores (VICTORIO FILHO; BERINO, 2007, p. 34).

Na busca por entender os movimentos imagéticos e sua relação com a prática educacional, utilizamos o “conceito” e/ou ideia de *Pedagogia da Imagem*, ou seja, um estudo que busca entender sobre as imagens que circulam por toda sociedade desenfreadamente, fazendo com que descubramos modos de representação, identificação e expressão, num movimento constante de construção e

desconstrução identitária que parte de uma dialogia, ou seja, a busca pela capacidade de promover o diálogo entre correntes de pensamento e visões de mundo, criando redes entre grupos e identidades socioculturais. Nesse sentido, a pedagogia da imagem pode ser entendida como à pedagogia do relacionamento, “[...] que busca conexões para integrar a extensa rede de visualidades, que, entrelaçadas, exibem a cotidianidade dos currículos como pontos de encontro, mais aproximativa do que é criativo e vivificadora na expressão das *praticantes*” (BERINO, 2010, p. 34). Vale ressaltar que as leituras sobre as criações imagéticas são inúmeras, e o que se pretende nesse estudo é apenas abordar sobre uma das muitas leituras que se podem alcançar.

Tais questões nascem apenas para comprovar que as imagens que se encontram hoje envoltas na sociedade possibilitam um diálogo que busca reconhecer, analisar e relatar sobre as significações e representações que são apresentadas nas relações entre os indivíduos. Nesse processo de compreensão que se desenvolve a partir de imagens, vale ressaltar

[...] que narrar e contar algo sobre o mundo, sobre a existência, sobre o outro ou sobre si mesmo, é uma maneira de descrever cenários, reinventar a vida, recriar histórias, mas, sobretudo, de recontar eventos, realidades, conflitos, problemas, dúvidas e sentimentos que revelam diferentes versões e perspectivas dos seres humanos (MARTINS, 2009, p.33).

Desse modo, pode-se “[...] dizer que as representações visuais são moldadas por práticas subjetivas e culturais que as transformam em visualidades”, ou seja, a “[...] experiência visual e seus repertórios são responsáveis por sinapses entre conhecimentos objetivos e subjetivos configurados por referências culturais que, de alguma maneira, influenciam os modos e as práticas de ver dos indivíduos” (*ibidem*).

Assim, as narrativas e imagens se entrelaçam na vida dos indivíduos, completando e formando linguagens, que se desenvolvem através de uma “[...] reflexão pessoal, elaboração de idéias e imaginação a partir de experiências individuais e coletivas de relações com o Outro, com a natureza, com objetos tecnológicos, que vamos tecendo nossas reflexões” (ALVES *et. al.*, 2004, p.19-20).

3 UM BREVE QUESTIONAMENTO SOBRE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Para entendermos amplamente a educação no Brasil e como as estruturas de formação docente foram se estabelecendo, vale a pena compreender como alguns conceitos se formaram, até para considerarmos questões pertinentes dentro da realidade contemporânea. Assim, destacamos as falas de Manfredi (2002), quando a autora aborda que são diversos os aspectos que se ligam ao termo

“trabalho”, sendo este uma atividade social central que garante a sobrevivência dos indivíduos, além de estar vinculada à organização, aos funcionamentos e às relações entre os distintos grupos da sociedade, determinando parâmetros de identidade social e cultural. Ou seja, é o alicerce para a estruturação da condição de vida das pessoas, na qual age, regulando, controlando, construindo normais, distribuindo e locando postos de trabalho.

Partindo dessas informações, o surgimento das profissões encontra-se ligado às transformações advindas dos processos produtivos ocorridos no processo de trabalho. Ocorreu uma necessidade de novas ocupações/especializações com a passagem do trabalho doméstico para o trabalho fabril, sendo este último uma produção realizada por etapas o que implicava em se ter profissionais com capacidades específicas. Assim, a procura por especializações, pois o conceito de empregabilidade encontra-se condicionado ao fato de o empregado estar apto, com habilidade e experiências necessárias para a execução do cargo.

A autora comenta que a formação para o trabalho foi sendo efetivada de acordo com a dinâmica da vida social e comunitária, paralelamente à atividade de trabalho. Com o desenvolvimento do industrialismo ficou muito mais evidente que a universalização da escola abriria espaço para a preparação dos jovens no engajamento ao mercado de trabalho. Ressurge, então, a necessidade de reformar a escola para um novo movimento histórico. Nesse sentido, a autora discute que “[...] a escola tende a ser considerada como um espaço de inserção político-social e cultural, extrapolando a função - que vem assumindo atualmente, a função de ser um dos principais instrumentos de certificação e credenciamento para o ingresso e a manutenção no mercado de trabalho” (*ibidem*).

Diante de tais questões, podemos compreender que a educação tende a muitos rumos dicotômicos aos interesses que os próprios professores almejam. Quando a professora no filme fala que ela gostaria mesmo é que os alunos dela fossem para uma universidade, ela sabe o quanto é difícil esse caminho. Atualmente muitos buscam a escola/educação para conseguir um bom emprego, pensamento este que é estabelecido e exigido pelo mercado de trabalho e que torna cada vez mais a educação na forma que encontramos atualmente, sem qualidade, sem estrutura e sem uma direção a seguir.

Diante dos aspectos abordados sobre a formação para o trabalho, concluímos que o importante é repensar sobre as políticas para a educação, e que tal assunto deve ser discutido tanto no campo pedagógico como no econômico e político. O que interessa é questionar o que já está sendo imposto a todos, e com isso tentar refletir sobre as possibilidades de construir novos projetos e objetivos que

visem à maioria da sociedade. A adequação dos conteúdos e métodos deve abranger a todos, na qual, o foco principal seria a formação para o conhecimento.

CONCLUSÃO

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado (FREIRE, 1996).

Quando os professores apresentam suas vidas por de relatos, ou seja, mostram como são suas vidas profissionais e seus desafios diante dos problemas apresentados na educação do estado de Sergipe, não deixam de retratar a educação brasileira como um todo. Podemos perceber que as ideias de uma constante construção de suas próprias identidades permanecem com a mesma intenção de um ser inacabado, como diz Paulo Freire (1996) na citação acima. O mesmo sentimento que as fazem continuar acreditando em algo tão subjetivo e tão pessoal que nenhuma palavra é capaz de expressar tamanha identificação com aquilo que elas se propõem a fazer: o ser professora.

Dialogar com as questões políticas, primando-se por uma educação completa, que defenda a autonomia dos educandos e de educadores, já que as leis que regem a educação brasileira defende uma escola que atenta às necessidades de seus alunos; podendo-se moldar de acordo com a realidade de cada lugar, é um cenário distante de nossa realidade, é um ideal de educação que ainda não alcançamos por vários motivos que não cabe aqui mencionar, mas que nos possibilitam várias discussões, reflexões, análises sobre a educação, as quais nos ajudam a reformular a cada instante o papel do professor, em contexto não só histórico, mas principalmente no político, em que a educação se encontra.

Neste viés, o filme, ao utilizar os relatos das professoras, mostra como podemos dialogar com a prática docente, com a realidade e também com as teorias apresentadas, pois é importante entender que a identidade do professor está ligada diretamente às histórias de vida da cada uma das professoras que atuaram neste filme, bem como suas ambições, suas crenças, seus desejos, condições de trabalho, questões familiares dos docentes e dos discentes, formação profissional, falta de recursos de materiais na escola, pressão sofrida pela escola, jornada dupla de trabalho, dentre tantas outras, destacando, assim, que, ao longo do caminho, as identidades formadas se entrelaçam com as práticas sociais, e por isso nunca se acaba, pois esta é uma formação constante, viva, e precisa de vários aspectos para se constituir e continuar se constituindo.

Este trabalho, além de reunir duas pesquisas, procurou se aproximar do aspecto pedagógico, da utilização e do entendimento dos filmes para além do ensino, para além de seus combates entre mercado e disciplina, pois ele constrói o homem e torna mais bonita sua relação com o mundo; mais bonita no sentido da união, da contemplação, da reflexão. E nesse sentido, ele se configura como impulsionador, transformador, questionador das formações identitárias contemporâneas. Por fim, com o filme é possível promover a interação e a integração das pessoas, pois dela transbordam aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos.

Concluimos este trabalho com a certeza do inacabamento, da compreensão de que os objetos de pesquisa apresentados fazem parte de nossa constituição pessoal, profissional e social. São temas que moldam o nosso olhar para as questões educacionais deste país e, conseqüentemente, modificam o nosso fazer no dia a dia e a cada dia. Contudo, acreditamos na “rebeldia” como caminho de denúncia, de estarmos vivos para os desafios da educação, por isso não poderia deixar de citar mais uma vez Paulo Freire (1996), por acreditar em sua sensibilidade com a área da educação e com a proximidade de como fala dos assuntos sobre a educação.

A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia como denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho (FREIRE, 1996). E por acreditarmos nesta rebeldia e neste inacabamento é que o sonho das professoras, protagonistas do filme e deste trabalho, faz-se possível em suas práticas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens de escolas: espaçostempos de diferenças no cotidiano. **Educação e Sociedade**. v. 25, n. 86, Abr/2004. pp.17-36. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- BERINO, Aristóteles de Paula. Pedagogia da imagem de Avatar: contágio, hibridismo e metamorfose na contemporaneidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v.10, n. 109, Jun/2010. pp. 27-35
- CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MANFREDI, Silvia M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, Raimundo. **Narrativas visuais: imagens, visualidades e experiência educativa**. Revista do programa de pós-graduação em arte. Brasília: Editora Brasil, v. 8, n. 1, Jan/Jun, 2009. pp.33-39

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; NILDA, Alves (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

VICTORIO FILHO, Aldo. Poéticas Visuais Cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo (Org.). **Fora da escola também se aprende**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles de Paula. Culturas Juvenis, Cotidianos e Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, ISSN 1645-1384, v. 7, n. 2, Jul/Dez 2007. pp.7-20. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org>

¹ Aluna do mestrado Contextos Contemporâneos e Demandas Populares do PPGEDedu/UFRJ, e Bolsista CAPES.

² Aluna do mestrado Contextos Contemporâneos e Demandas Populares do PPGEDedu/UFRJ, e Bolsista CAPES.

³ Pau de arara é o nome dado a um meio de transporte irregular, ainda utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste na adaptação de caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. Também é usado para vender frutas. Fonte: www.wikipedia.org